

Precisamos de palavras novas para rezar?

Os discípulos de Jesus tiveram necessidade de pedir palavras novas para rezar: «Senhor, ensina-nos a rezar»¹ e ainda pediram «aumenta a nossa fé»².

Hoje, sente-se cada vez mais a «necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração»³. A oração e especialmente a oração litúrgica, é a voz da esposa ao Esposo, sendo «antes de mais nada o instrumento da salvação»⁴. Na liturgia, o mais importante é louvar a Deus. A vida espiritual cristã é a união do homem com Deus.

É insuficiente na oração a palavra, para o diálogo é absolutamente necessário a escuta. Deus disse uma Palavra eterna – Jesus Cristo – a escuta no silêncio habitado pela Palavra eterna feita pessoa alegre o coração de quem reza.

1. A centralidade da escuta

Kierkegaard escreveu: «quando a minha oração se foi tornando cada vez mais devota, comecei a ter cada vez menos o que dizer. Por fim, fiquei em silêncio total. Tornei-me no que porventura ainda é um grande oponente à conversa, tornei-me em alguém que escuta. Inicialmente pensava que rezar era falar; aprendi, porém, que rezar não é apenas ficar em silêncio, mas escutar. Então é assim: rezar não é apenas ouvirmos a falar. Rezar é ficar em silêncio e estar em silêncio, e esperar até que o Deus que reza escute».

A centralidade da Palavra na vida e na missão da Igreja é indiscutível, todavia «o primado não cabe à evangelização, mas à escuta»⁵. Recordemos as palavras de S. Bento: «Escuta, filho, os preceitos do mestre, e inclina o ouvido do teu coração»⁶.

Escutar, significa um confronto permanente da Palavra com a existência e vice-versa. Para tal exige-se tempo, estudo, oração, contemplação. Com efeito, «a evangelização nasce da escuta: uma escuta viva, contínua, sempre renovada,

¹ Lc 11,1.

² Lc 17, 5.

³ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Inneunte* 32.

⁴ GUARDINI, *O espírito da liturgia*, 95.

⁵ B. MAGGIONI, *Il prete uomo della parola*, Cittadella Editrice, Assisi 2010, 39.

⁶ Prólogo da Regra de S. Bento.

indispensável para que o anúncio conserve intacta e visível a própria frescura, capaz de suscitar surpresa»⁷.

Vivemos um tempo com situações novas, não apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época: relativismo, fundamentalismos, pluralismo religioso, minoria, indiferença, uma crescente religiosidade imatura e supersticiosa. Todavia, às vezes preferimos viver do passado e não encarar profeticamente o futuro. É verdade que «o pó da história pode ter o seu fascínio, mas a limpidez do Evangelho tem um fascínio maior»⁸.

Escutar é deixar Deus falar e entrar no coração, como escreveu a grande Etty Hillesum: «Creio que vou ser capaz. De manhã, antes de começar a trabalhar, passar meia hora a ouvir-me a mim própria, a voltar-me "para dentro". "Submergir-me". Também podia dizer: meditar. Mas esse verbo ainda me assusta um bocado (...) Uma "hora silenciosa" não é fácil de conseguir. Tem que se aprender a consegui-la (...) O objetivo da meditação é, cá dentro, uma pessoa transformar-se numa planície grande e vasta, sem o matagal manhoso que não nos deixa ver. Deixar entrar um pouco de "Deus" em nós, como existe um pouco de "Deus" na Nona de Beethoven».

Por isso é que a missão (e não a conservação ou demissão) é um mistério e a maior das urgências pastorais, a requerer muita coragem e muita fé. Como repensar o Evangelho nesta cultura? «E aí está a nova metodologia, que afinal é a primeira metodologia da missão: a partir de Cristo, com Cristo, como Cristo»⁹.

O Concílio Vaticano II, na Constituição *Dei Verbum*, começou logo por assinalar que: «**ouvindo** religiosamente a Palavra de Deus **proclamando-a com confiança**, faz suas as palavras de S. João: «anunciamo-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e nos apareceu: anunciamo-vos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão connosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo. 1, 2-3). Por isso, segundo os Concílios Tridentino e Vaticano I, entende propor a genuína doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão, **para que o mundo inteiro, ouvindo, acredite na mensagem da salvação, acreditando espere, e esperando ame**»¹⁰.

Escutar – eis o mandamento prioritário.

⁷ B. MAGGIONI, *Il prete uomo della parola*, 46.

⁸ B. MAGGIONI, *Il prete uomo della parola*, 56.

⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral «como Eu vos fiz, fazei vós também»*. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal, 14, Lisboa 2010, 12.

¹⁰ DV 1.

«Escutai-O», é a voz do Silêncio que se ouve no Batismo e na Transfiguração do Senhor.

Se no princípio era o Verbo para Deus. Para o homem, no princípio é a escuta.

A escuta é, com efeito, o lugar da conversão do coração.

Y. Congar escreveu no seu diário do Concílio, logo no primeiro dia: «Eu sei que uma Bíblia será colocada num trono, para presidir ao Concílio. Mas será que ela falará? Escutá-la-emos? Haverá aqui um momento para a Palavra de Deus?»¹¹.

2. A oração na Tradição cristã

«A oração é a vida do coração novo»¹², sublinha o Catecismo da Igreja Católica. A Tradição da Igreja conservou três formas maiores de oração: a oração vocal, a *lectio divina* ou meditação, a contemplação. Todas estas formas têm como traço fundamental, o recolhimento do coração.

A oração vocálica é um elemento indispensável da oração cristã e neste âmbito se insere especialmente a liturgia que se exprime per *ritus et preces*, ou seja, por gestos e por palavras, onde a Palavra se faz oração.

A meditação ou *lectio divina* é essencialmente uma busca. A contemplação ou oração mental procura «Aquele que o meu coração ama»¹³.

Os cristãos vivem como pensam ou então passam a pensar como vivem. Por outras palavras, podemos dizer que os cristãos rezam como vivem, porque vivem como rezam.

Miguel Torga, um buscador da verdade, escreveu: «Não rezo. Mas se rezasse, a minha prece seria esta: dai-me forças, Senhor, para continuar a ter a coragem da fraqueza absoluta. Que não fique dentro de mim nenhuma palavra oculta por cobardia. Que a minha pena seja o meu coração a deixar no papel o gráfico de todas as suas pulsações. E que os meus livros me testemunhem como retratos sem nenhum retoque, fiéis e terríveis como a própria verdade»¹⁴.

¹¹ Y. CONGAR, Diário do Concílio, 11 de Outubro de 1962.

¹² *Catecismo da Igreja Católica* 2697.

¹³ Ct 1, 7.

¹⁴ M. TORGA, Diário V.

3. Precisamos de palavras novas para rezar?

A oração da Igreja é sempre um dom de Deus¹⁵ e é realizada pela comunidade cristã, reunida *hic et nunc* (aqui e agora). O fundamento teológico da oração é a presença de Cristo em nós.

O objeto e ao mesmo tempo o sujeito da oração litúrgica é Cristo. Ele deixou-nos um mandamento («orar sem cessar»¹⁶; «vigiai e orai»¹⁷); um documento (Pai-Nosso¹⁸); e um exemplo (a sua vida).

A propósito do mistério rezado no Pai-Nosso, santo Agostinho afirmou: «penso que, se examinares todas as palavras das orações contidas na Sagrada Escritura não encontrarás uma única que não esteja contida e compendiada nesta oração que o Senhor nos ensinou. Portanto, ao orar é-nos permitido pedir as mesmas coisas com outras palavras, mas não de ser permitido pedir coisas diferentes»¹⁹.

Também o Papa Bento XVI comentou numa audiência geral: «olhando para o modelo que Jesus nos ensinou, o *Pai-nosso*, nós vemos que a primeira palavra é “pai” e a segunda é “nosso”. Por conseguinte, a resposta é clara: aprendo a rezar, alimento a minha oração, dirigindo-me a Deus como Pai e orando-com-outros, rezando com a Igreja, aceitando a dádiva das suas palavras, que gradualmente se tornam familiares e ricas de sentido. O diálogo que Deus estabelece com cada um de nós, e nós com ele, na oração inclui sempre um “com”; não se pode rezar a deus de modo individualista. Na prece litúrgica, principalmente na eucaristia, e — formados pela liturgia — em cada oração, não falamos unicamente como indivíduos, mas entramos no «nós» da igreja que ora. E devemos transformar o nosso “eu”, entrando neste “nós”»²⁰.

Eu amo as orações breves. *Nos ditos e feitos dos Padres do deserto*, pode ler-se: «diziam os irmãos: “qual é a oração pura?”. E o velho disse: “aquela que é breve em palavras e grande em obras. Porque se as obras não superam o pedido, as palavras serão vazias, sementes que não dão fruto»²¹.

¹⁵ Cf. *MR*, Prefácio Comum IV: «Vós não precisais dos nossos louvores e poder glorificar-Vos é dom da vossa bondade; porque os nossos hinos de bênção, nada aumentando à vossa infinita grandeza, alcançamos a graça da salvação, por Cristo, nosso Senhor».

¹⁶ Cf. Lc 18,1.

¹⁷ Mt 26,41; Mc 14,38.

¹⁸ Cf. A versão mais desenvolvida (7 pedidos) Mt 6,9-13; A versão mais breve (5 pedidos) Lc 11,1-4.

¹⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, *Carta a Proba, Epístola 130,12.22*.

²⁰ BENTO XVI, Audiência geral de 3 de Outubro de 2012.

²¹ *Ditos e feitos dos Padres do deserto*, Lisboa 2003, 37.

O mistério da fé, que a Igreja professa no Credo e celebra na liturgia sacramental, exige que a vida dos fiéis seja configurada com Cristo no Espírito Santo para glória de Deus Pai. Esta relação com o Deus vivo e verdadeiro é a oração. Em resposta ao pedido dos discípulos: Senhor, ensina-nos a rezar»²², Jesus confiou-nos a oração cristã fundamental do Pai-Nosso. Esta oração faz parte integrante das “Horas” principais do Ofício Divino e dos sacramentos da Iniciação Cristã.

A oração litúrgica é participação na oração de Cristo dirigida ao Pai no Espírito Santo. Rezar é uma arte, porque «obra do Espírito Santo em nós, a oração abre-nos, por Cristo, à contemplação do rosto do Pai»²³ Por isso, a Igreja reconhece que na liturgia «toda a oração cristã encontra a sua fonte e o seu termo»²⁴.

R. Guardini, o grande pedagogo da Liturgia, costumava dizer. «se bastam umas poucas para as consagrações essenciais da vida religiosa, se a dispensação dos sacramentos pode ser feita com tanta simplicidade de que utilidade são todas estas complicações, todos estes usos exteriores?»²⁵.

A oração não consiste em falar com Deus, mas em escutar e estar com Deus. J. Cassiano (séc. V) recomendava aos que queriam aprender a rezar e a rezar continuamente que recorressem a um pequeno verso e que o repetissem muitas vezes, como este: “*Senhor, tende compaixão de mim, que sou pecador*”. Aos jovens e sobretudo aos seminaristas tenho recomendado outro: “*Senhor, eis-me aqui, podeis enviar-me*”.

Rezar é passar do monólogo ao diálogo. Rezar é como querer bem. O centro da oração não é o que eu faço, mas o que Deus realiza. «Não se reza para receber, mas para ser transformados» (Kierkegaard) e amar com o coração de Deus. Não basta o culto externo e o formalismo auto-suficiente, é preciso a fé.

Rezar é descobrir a palavra mais importante do mundo “tu” na humildade do coração orante.

4. O Silêncio ouvinte²⁶

O silêncio eloquente de uma catedral.

²² Lc 11,1.

²³ J. PAULO II, *Novo Millennio Ineunte* 32.

²⁴ *Catecismo da Igreja Católica* 1073.

²⁵ R. GUARDINI, *O espírito da Liturgia*, Coimbra 1949, 66.

²⁶ SOPHIA de Mello Breyner, *Bach Segóvia* guitarra, in *Geografia*, Lisboa 2004, 31.

«escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio
Ou deus (...)
Apenas sei que caminho como quem
É olhado amado e conhecido
E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco»²⁷

«Quem não sabe calar não sabe escutar. E quem não sabe escutar não reza, mas quem não sabe rezar nunca poderá entender nada do mistério de Deus (...). O silêncio não é um vazio, uma clausura, mas um fluir no Verbo, um abrir-se ao eterno, um dar espaço à escuta Daquela que nos habita (...). Nada tem eficácia quanto o silêncio carregado de Deus, a oração»²⁸.

Todos experimentamos átimos da visão da glória, como dizia o Patriarca Atenágoras: «na primavera unes-te ao aleluia da primeira amendoeira em flor».

Talvez a dificuldade resida na ausência, ou seja, «Deus esta perto de nós, mas nós estamos longe de Deus. Deus está dentro, nós estamos fora. Deus está em cas, nós estamos no estrangeiro»²⁹.

Que grandeza há no silêncio – não o silêncio nefasto da falta mas no da virtude, que é perfeito quando dele não se tem consciência – e que força se pode extrair dele. A alegria cristã é a simplicidade de uma fé, a seriedade de uma esperança, a vitalidade do amor. As novas palavras ou palavras novas, da oração, falem a linguagem do amor.

Ora et labora é o lema dos beneditinos. Mas, pensando bem, no mesmo *labora* está contido o *ora*. *Lab-ora* = *labia et ora*, isto é, depois do *ora*, a própria oração torna-se ação – o que sai dos lábios do orante, torna-se vida. No dizer de S. Bento, quando rezamos (salmodiamos): «que o nosso espírito concorde com a nossa voz». Então, salmodiar e rezar, isto é, escutar a Palavra de Deus e responder-lhe. A leitura e o trabalho são duas ocupações que dividem o dia e se prestam a um esforço de constate oração. Na Abadia de Santo Anselmo no monte Aventino em Roma, quando se entra na Basílica pelo lado da *statio* dos monges no 1º claustro existem duas inscrições anónimas

²⁷ SOPHIA de Mello Breyner, *escuto*, in *Geografia*, Lisboa 2004, 30.

²⁸ ANNA Maria Canopi, OSB.

²⁹ Mestre Eckhart.

em mosaico que exprimem eloquentemente o que estamos a refletir: «*si cor non orat in vanum lingua laborat*» e «*ante Deum stantes non simus corde vagantes*».

O cristão não tem que inventar uma nova oração. Ele recebe da Igreja o “cânon da oração”: os Salmos, a leitura da Escritura, a intercessão, o Pai-Nosso e o cume da própria oração, a Eucaristia.

Rezo, porque não posso viver sem mistério. Rezo para pedir Deus a Deus. Como relatou na sua experiência, Etty Hillesum: «Ontem à noite, pouco antes de me ir deitar, dei por mim, de repente, ajoelhada na alcatifa, no meio desta grande sala, entre as cadeiras de metal. Assim. Sem mais nem menos. Puxada para o chão por algo mais forte do que eu. Faz tempo, tinha dito de mim para mim: "Vou ver se consigo ajoelhar-me". Tinha ainda muita vergonha desse gesto tão íntimo como os gestos do amor, todos gestos de que ninguém consegue falar. A não ser um poeta (...) A força criadora é, afinal de contas, uma parte de Deus. As pessoas precisam é de ter a coragem de o dizer (...). Estas palavras acompanharam-me semanas a fio. É preciso é ter a coragem de o dizer. A coragem de pronunciar o nome de Deus».

Concluo com uma resposta de K. Rahner aos jornalistas: «oiça, eu não acredito em Deus por ter conseguido dar resposta a todas as questões, para satisfação da minha mente. Eu continuo a acreditar em Deus porque rezo todos os dias».

+ José Cordeiro